

LUGAR COMO EIXO INTERSECCIONAL: OS MAPAS DE RELEVO COMO MÉTODO POSSÍVEL¹

Rebeca da Rocha Azevedo²

RESUMO

Os estudos feministas das últimas décadas vêm desenvolvendo uma série de abordagens que buscam romper com a produção de uma ciência neutra. Suas perspectivas pretendem em grande medida localizar e corporificar o conhecimento, mostrando que os Saberes são localizados e encontram no corpo os múltiplos eixos de existência. A noção de Conhecimento Situado e a perspectiva Interseccional são algumas dessas propostas, que somadas à formulação geográfica de Lugar, oferecem uma possibilidade objetiva, sensível e responsável de compreensão da realidade atual. Como um caminho potencial, o método do “Mapa de Relevo” mostra-se uma ferramenta analítica interessante para aqueles e aquelas que querem desenvolver um trabalho interseccional situado.

Palavras-chave: Lugar; Conhecimento Situado; Interseccionalidade; “Mapas de Relevo”.

RESUMEN

Los estudios feministas de las últimas décadas vienen desarrollando una serie de enfoques que buscan romper con la producción de una ciencia neutra. Sus perspectivas pretenden en gran medida localizar y corporificar el conocimiento, mostrando que los Saberes son localizados y encuentran en el cuerpo los múltiples ejes de existencia. La noción de Conocimiento Situado y la perspectiva Interseccional son algunas de esas propuestas, que sumadas a la formulación geográfica de Lugar, ofrecen una posibilidad objetiva, sensible y responsable de comprensión de la realidad actual. Como un camino potencial, el método del "Mapas de Relieves" se muestra una herramienta analítica interesante para aquellos y aquellas que quieren desarrollar un trabajo interseccional situado.

Palabras clave: Lugar; Conocimiento Situado; Interseccionalidad; “Mapas de Relieves”.

INTRODUÇÃO

A ciência, principalmente as ciências sociais (onde incluímos a geográfica) vem passando por um período de transformação. Essa mudança não começou agora, ela já vem ocorrendo há algumas décadas e reforça a característica de mutação que as ciências devem ter. Independentemente da área, a produção de conhecimento científico deve sempre estar engajada em acompanhar o seu tempo, estando atenta aos questionamentos e as novas perspectivas de

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da PROEX- POSGEO-UFF /PROEX/ CAPES e do CNPq.

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, reocha@id.uff.br

visualização da realidade existente. Com o avanço e desenvolvimento de estudos de caráter feminista, novas abordagens foram sendo criadas para tentar “explicar” os fenômenos das sociedades. Entre essas abordagens podemos citar a noção de Conhecimento Situado e a visão Interseccional. Elas se relacionam ao questionarem um conhecimento dito neutro, descorporificado e deslugarizado.

Ao interrogar de “onde vem o conhecimento? e através de quem?” o que se pretende é primeiro localizar o saber e depois reconhecer seu(s) corpo(s). Corpo esse que tem gênero, orientação sexual, cor, origem, forma, está inserido em um contexto social, histórico, e se situa em um ou em vários lugares durante sua experimentação de mundo. Sendo assim, o conceito de Lugar³ torna-se relevante para análises que buscam compreender a intersecção de diferentes caracteres de existência. Pois, a experiência, maneira sensível e relacional de conhecer a realidade na qual cada um/a está inserido/a, só se manifesta em contato com a dimensão espacial. Diante disso, este texto propõe destacar a relevância do Lugar para os estudos com abordagem interseccional situada, apresentando ainda o método do “Mapas de Relevos”, desenvolvido por Maria Rodó-Zárate (2021), como um caminho possível para uma análise objetiva e responsável dentro dessa proposta.

CONHECIMENTO SITUADO E INTERSECCIONALIDADE

Dentro dos estudos geográficos de gênero e sexualidade um fator importante que começou a ser considerado é “de onde se fala”. Situar a produção de conhecimento ou a fonte empírica de determinada análise tornou-se primordial para um estudo objetivo e incorporado. Sendo assim,

Estou argumentando a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação nas quais parcialidade e não universalidade é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional. São propostas a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo. (HARAWAY, 1995, p.30)

Donna Haraway defende um saber localizado, que leva em consideração a origem do conhecimento, sendo este fruto de uma experiência corpórea. A ciência enquanto compreensão do mundo em que vivemos e base de transformação social, não deveria partir de uma base comum e neutra de experimentação, até porque este já se apresentaria como uma visão universalista e questionável. Deixemos claro que toda produção científica é passível de

³ O termo foi escrito iniciando por maiúscula por se tratar de uma referência ao conceito.

discussão e questionamento, o que está sendo trazido aqui não é uma negação disso, mas uma apresentação de uma perspectiva epistêmica de abordagem científica que considera o corpo e o lugar as fontes de análise essenciais.

Essa abordagem, como dito, surge diante de uma visão feminista de pensar o mundo. Ao tensionar as dinâmicas sociais vigentes durante o século XX, as estudiosas do período perceberam que não dava para pensar determinadas questões sem considerar que aquelas e aqueles que as experienciavam, estavam sujeitas/os a matrizes variáveis de dominação (Collins (2000 [1990]), que se diferenciavam ainda mais quando introduzido o Lugar. Quando as discussões giravam em torno do gênero, essa conclusão ficava ainda mais clara. “Entendido que o espaço não é neutro do ponto de vista do gênero, torna-se necessário incorporar as diferenças sociais entre mulheres e homens e as diferenças territoriais nas relações de gênero. (SILVA, 1998, p.108)

Mas não somente a matriz do gênero é considerada, a perspectiva dos saberes localizados tem por pretensão um questionamento mais amplo, por entender que o cruzamento de diferentes matrizes influencia diretamente na experimentação espacial de um corpo. Como exemplo podemos citar o caso das mulheres negras dos E.U.A. em meados do século XX. Estas mulheres buscavam romper como os padrões de subordinação que lhes era incutido por serem mulheres, mas dentro do movimento feminista da época (predominado por mulheres brancas), o fato de serem negras muitas vezes as compeliavam outro tipo de dominação, aquela imposta diante de fatores raciais. Entretanto, dentro do movimento antirracista (dominado por homens negros) a condição de mulher as silenciava. Logo, elas estavam sujeitas a variáveis tipos de dominação, de acordo com o lugar em que estavam. E para além desses lugares, a intersecção de mulher e negra provocava dupla dominação, não no sentido de soma, mas de justaposição.

Outro exemplo pôde ser encontrado no Brasil, como relembra Fassin em seu texto “Interseccionalidade: uma introdução” (2019):

No Brasil, como mostrado por Lélia Gonzalez, para uma mulher negra de classe média não é suficiente estar “bem-vestida” e ser “bem-educada”: os porteiros continuam a lhes impor a entrada de serviço, de acordo com as instruções dos patrões brancos, que só têm olhos para elas durante o carnaval... (FASSIN, 2019⁴)

Esses exemplos esclarecem a necessidade de colocar o Lugar no bojo das análises localizadas. Pois, através da alteração espacial, as dinâmicas de dominação também podem sofrer variações. Os lugares são conjuntos significados que abrigam uma carga histórica, social e territorial que influencia diretamente na forma em que os corpos serão percebidos e

⁴ Texto sem paginação.

vivenciam o cotidiano. Um estudo de saberes localizados que não se lugariza pode tender a generalizações errôneas.

A noção de saberes localizados e a interconexão de matrizes diversas de dominação abriu espaço para conceituações e estudos que levassem esses aspectos em consideração. Eles buscavam romper com uma visão dita neutra da ciência, para que as análises fossem compatíveis com a realidade. Realidade esta que tinha na desigualdade um agente ativo. Estava posta a demanda por uma forma de fazer ciência que levasse em conta essas desigualdades e suas interseccionalidades.

O termo Interseccionalidade não é recente, pelo contrário. A primeira vez que uma autora nomeou esse conceito foi em 1991. Kimberlé Williams Crenshaw, trouxe a palavra interseccionalidade para o bojo de uma série de discussões que vinham sendo abordadas há décadas, em diferentes locais, mas com nomes diferentes. "Esta autora alerta para o fato de que a interseccionalidade é um conceito que permite articular os vários eixos identitários que estruturam as desigualdades sociais e geram a posição relativa das mulheres em determinado espaço-tempo." (SILVA & SILVA, 2011, p.29)

Segundo Patricia Hill Collins e Sirma Bilge,

a interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária - entre outras - são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS & BILGE, 2001, p.15-16)

Logo, ao utilizarmos de abordagens interseccionais estamos perguntando como as diferentes dimensões de poder influenciam diariamente a experiência de vida das pessoas, e como elas se somam gerando contextos opressivos específicos. Em análises interseccionais os eixos de identificação são vistos de forma integrada, reforçando o princípio da relacionalidade que esse tipo de análise apresenta. Todavia é preciso considerar o contexto social em que as pessoas estão inseridas, reforçando que cada espaço-tempo relaciona sob um arranjo próprio as dimensões de poder, as quais se impõem com formas e intensidades diferentes. Ao pensarmos de maneira interseccional nos confrontamos com a complexidade dessa abordagem. "Usar a interseccionalidade como ferramenta analítica é difícil, precisamente porque a própria interseccionalidade é multifacetada. Como visa a entender e analisar a complexidade do mundo, a interseccionalidade requer estratégias complexas." (COLLINS & BILGE, 2021, p.48), dentro dessas estratégias precisamos acessar ferramentas próprias, entre as quais estão os Mapas de Relevô.

Mesmo sendo gerado em meio a lutas feministas, a interseccionalidade não serve apenas para pensar acerca das mulheres, “pelo contrário, é para cada pessoa, independentemente de seu sexo, sua classe e sua cor de pele, a imbricação de propriedades que acaba por definir, realmente, as identidades complexas (mais do que as fragmentadas); e é isso que as ciências sociais estão trabalhando hoje para compreender.” (FASSIN, 2019⁵) Este conceito surgiu para colaborar com uma forma de pensar e perspectivar o mundo, podendo ser agregado em análises dos mais diversos focos.

O LUGAR COMO EIXO INTERSECCIONAL

Como já abordado anteriormente, o Lugar deveria ser um fator essencial para as análises localizadas. Contudo, no início dos estudos interseccionais outras propriedades identitárias se encontravam no centro dos debates. Gill Valentine (2007) foi uma das primeiras autoras a considerar a perspectivas geográficas nas análises interseccionais. Ela deixava claro que esta forma de propor estabelecia relações nítidas com a produção do espaço e as configurações de poder. Sendo o espaço reflexo das relações de dominação e vice-versa. Ao apresentar em seu texto “*Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography*” o exemplo de seis momentos da vida de Jeannette, Valentine acionou a interseccionalidade para auxiliar a compreensão da significação de determinados lugares. Mulher, surda, órfã, mãe e homossexual ou bissexual (não fica clara a orientação dela) Jeannette experienciou certos lugares durante sua vida que variaram seus significados diante de como as relações vividas sofreram influência por diferentes dimensões de poder, alterando não somente como os lugares eram vistos, mas as próprias experiências dela. Um dos momentos apresentados que retratam bem a mudança de sentido de um lugar foi o retratado no clube de surdos que Jeannette participava. Em momentos anteriores aquele havia sido um lugar de segurança, resgate e identificação, mas após assumir um relacionamento homoafetivo este mesmo lugar tornou-se um lugar de preconceito, violência e agressão. Quando mais um eixo é posto na conta, o resultado da experiência pode ser completamente alterado.

O que começa a ser proposto a partir dessas associações com o(s) lugar(es) é uma interseccionalidade situada. “A interseccionalidade situada incorpora a dimensão geográfica da interseccionalidade, situando o lugar não como o espaço onde simplesmente passam as relações

⁵ Texto sem paginação.

interseccionais, mas sim como parte construtiva delas.”⁶ (RODÓ-ZÁRATE, 2021, p.24) Logo, a forma interseccional de abordagem é aquela que considera as desigualdades, as diferenças internas, as relações e o contexto, aqui tratado como Lugar. A desigualdade se apresenta como condição para o estabelecimento da dominação. Uns dominam os outros, por não haver igualdade de direitos, discrepância de poder e imposição do silenciamento sob os subjugados. As diferenças internas são consideradas, pois, o olhar interseccional permite que determinadas questões sejam abordadas, sem que para isso perca-se a capacidade de reconhecer a diferença. "Nesse sentido, a vantagem deste conceito é que ele permite o uso da criatividade, não restringindo o pesquisador a uma única linha de abordagem de eixos de opressão, o que instiga a uma pesquisa reflexiva, crítica e responsável.” (SILVA & SILVA, 2011, p.29) Os eixos de existência não se sobrepõem uns aos outros em uma análise interseccional, sendo admitida a diferença como fatos de importância analítica.

As relações são elementos fundamentais em uma perspectiva interseccional situada. Neste tipo de abordagem, primeiro é preciso ter consciência de que as matrizes de dominação não funcionam de maneira isolada, elas estão interconectadas em movimento constante de influência uma sobre as outras. Outros aspectos a serem considerados, são as relações que os corpos estabelecem com as dinâmicas sociais, históricas e emocionais nas quais estão incluídos (ou isolados), o que direciona suas experimentações. E ainda, é de crucial relevância destacar a relação para com os lugares. Estes não devem ser entendidos como espaços isentos, desprovidos de vida, pelo contrário, os lugares são construídos em constante processo de significação e interferência nas experiências vividas pelos corpos.

Para os debates sobre interseccionalidade, a proposta de considerar o lugar como constitutivo das dinâmicas interseccionais, e não como “o lugar onde passa” as diferentes configurações interseccionais, é uma questão fundamental. Implica uma concepção de lugar não estática, em permanente construção e sobretudo social. Implica também deixar de conceber os espaços - da mesma forma que as identidades - como naturais ou dados de antemão, e implica também considerar que o espaço tem um rol central na configuração de dinâmicas interseccionais concretas e que os significados, efeitos e as relações de poder em cada lugar variam dependendo das relações interseccionais que o constituem, tanto as presentes com as que têm contribuído para sua configuração em processo histórico.⁷ (RODÓ-ZÁRATE, 2021, p. 69)

O mundo é experienciado de variadas formas por pessoas que trazem consigo um conjunto de referências próprio, seja porque partem de lugares e/ou tempos diferentes, ou porque são corpos não iguais, o que estimula significações particulares até mesmo de uma espacialidade em comum, pois, “as pessoas não têm apenas concepções intelectuais,

⁶ Tradução da autora.

⁷ Tradução da autora.



imaginárias e simbólicas do lugar, mas também associações pessoais e sociais com redes baseadas nos lugares de interação e ligação.” (BUTTIMER, 2015, p.6) Assim o lugar se diferencia de múltiplas formas, porque as experiências de mundo de cada pessoa também são diversas. Doreen Massey defendeu que assim como as pessoas não teriam uma única identidade, os lugares também possuem identidades, no plural, existindo diferentes sentidos para um lugar; e este lugar seria construído no encontro, em espacialidade e tempo específicos, através de variadas perspectivas formando um lugar singular.

Essa autora ainda apresentou uma interessante forma de pensar o lugar a partir de uma concepção escalar transversal, em que a espacialidade seria atravessada desde uma escala mais ampla até alcançar as especificidades da identidade individual. Nessa perspectiva tempo-espaço se influenciaram de maneira simultânea relacionando a experiência de mundo a questões globais, mas sem neutralizar as questões que atingem diretamente o corpo, pois, “entre as muitas outras coisas que influenciam claramente essa experiência, há, por exemplo, a raça e o gênero.” (MASSEY, 2000, p.178) O que está sendo apresentado e é defendido em um enfoque interseccional situado não é um Lugar estático desprovido de movimento. Mas sim, um lugar forjado pelo encontro de diferentes, que tensionado pelas dinâmicas interseccionais adquire significados variáveis. Significados estes que podem ser construídos de maneira individualizada ou coletiva. Relembrando: qualquer ganho de sentido de um determinado lugar passa por uma experiência relacional.

Neste sentido, um mesmo espaço tem significados diferentes e se vinculam emoções diferentes segundo o gênero, a etnicidade, a classe ou a diversidade funcional, por exemplo. Compreender isto desde a interseccionalidade implica entender que, segundo as múltiplas posições, a experiência em um lugar variará.⁸ (RODÓ-ZÁRATE, 2021, p. 70)

De acordo com Yi-Fu Tuan, “experiência é um termo geral para os vários modos através dos quais uma pessoa conhece seu mundo.” (TUAN, 2018, p.5) O *seu* mundo. É preciso estar na “sua pele” para experienciar e preencher com significado determinado lugar. É por isso que uma análise interseccional situada está longe de ser generalista, porém, ela também não é relativista. Precisamos ter isso claro. Como dito, a perspectiva interseccional considera as desigualdades, as diferenças internas, as relações e os lugares (contexto), e não somente um “corpo solto no espaço”. O que ela busca é pensar a realidade de forma corporificada (não neutra) e lugarizada (não de lugar nenhum ou de um lugar qualquer). Um lugar é para as pessoas que o significam parte integrante de suas próprias existências, fazendo com que elas não

⁸ Tradução da autora.

simplesmente estejam nos lugares, mas sejam parte deles. Assim, refletir sobre o lugar é pensar como nos vemos no mundo.

O MAPA DE RELEVO COMO POSSIBILIDADE

Todavia, se essa é uma abordagem epistêmica, quais são os métodos possíveis para desenvolvê-la? Maria Rodó-Zárate, em seu livro “*Interseccionalidad: desigualdades, lugares y emociones*” (2021), apresentou uma possibilidade:

Os Mapas de Relevos ou Mapas de Destaques da Experiência são uma ferramenta para a coleta, a sistematização, a análise e a visualização de dados sobre a interseccionalidade que relaciona três dimensões: a social (os diferentes eixos de desigualdade), a geográfica (os lugares) e a psicológica (as emoções).⁹ (RODÓ-ZÁRATE, 2021, p. 168-169)

Os Mapas de Relevos se mostram um método interessante de análise interseccional situado por alguns aspectos. O primeiro é por se apresentar como mecanismo objetivo e visual de averiguação, que gera ao final do processo uma espécie de gráfico e/ou mapa, onde torna-se possível ao/a pesquisador/a uma melhor visualização dos dados e de suas relações. O segundo é por considerar as emoções como diretriz para o reconhecimento das experiências. Neste método, a pessoa que participa da confecção de seu mapa deve dizer brevemente se em determinado lugar (selecionado em conjunto com o/a pesquisador/a) são acionadas emoções de bem ou mal-estar diante de determinado eixo de existência. Por exemplo, se as mulheres negras dos E.U.A. em meados do século passado fossem questionadas sobre suas emoções quanto a serem negras dentro do movimento feminista, é provável que responderiam sentir um mal-estar; porém, se a pergunta fosse: “que emoções são ativadas por serem negras dentro do movimento anti-racista?”, a resposta poderia ser completamente diferente. Contudo, se fosse considerado o eixo do gênero, as respostas poderiam sofrer alterações.

Este ponto é fundamental para a interseccionalidade e é precisamente o que fundamenta os Mapas de Relevos e o que mostram de forma visual: a importância da experiência e como diferentes aspectos são mais relevantes ou menos segundo os contextos, e como a sua configuração é dinâmica. É este dinamismo que também permite romper com as dicotomias de oprimidos e opressores ou vítimas e agressores.¹⁰ (RODÓ-ZÁRATE, 2021, p. 191)

Um fato importante na consideração das emoções na formulação dos Mapas de Relevos é que elas não são consideradas como construções de um indivíduo isolado das relações históricas-sociais-espaciais, mas sim, uma percepção sensível das desigualdades às quais aquele

⁹ Tradução da autora.

¹⁰ Tradução da autora.

corpo foi submetido por meio da realidade social existente. Se uma mulher sente mal-estar em um ônibus lotado, com maioria de homens, ela não simplesmente sente isso por se identificar quanto mulher, mas porque a sociedade com padrões machistas, na qual ela pode estar inserida, apresentou os espaços públicos como lugares de perigo para as mulheres.

A partir disso, chega-se ao aspecto que os Mapas de Relevância também oferecem uma maneira objetiva de inserir o(s) lugar(es) como parte fundamental de estudos e análises interseccionais. Ao considerar os eixos de desigualdade diante de lugares, a autora estabelece uma conexão inquestionável, e amplia o potencial de investigação dos dados obtidos.

Entretanto, como deve ser feito um Mapa de Relevância? A autora em seu livro explicou detalhadamente os procedimentos necessários, mas os apresentamos aqui brevemente para a realização de curtos comentários. O primeiro passo é definir as categorias e lugares a serem considerados no trabalho. É neste momento em que a pessoa que colaborará para o estudo fará uma descrição das emoções acionadas naquele lugar tensionado. Essa pode ser uma ocasião delicada, por permitir a muitas pessoas a tomada de consciência das opressões que sofre no dia a dia. Sendo importante, por parte do/a pesquisador/a ter sensibilidade na abordagem de certos temas. Nesse primeiro momento também são definidas as categorias a serem consideradas no estudo. "Não se pode assumir *a priori* as categorias identitárias a serem elencadas na análise, mas explorar a natureza das relações que colocam em evidência as respostas ao fenômeno estudado." (SILVA & SILVA, 2011, p.29) Essas categorias devem ser elencadas depois, após um período de sondagem e troca.

Seguido desse momento de seleção das categorias e lugares, e das descrições das emoções das pessoas envolvidas, é preciso classificar os Lugares. Rodó-Zárate criou uma separação que categoriza os lugares como: Lugares de opressão (lugares de forte opressão por um ou mais eixos.); Lugares controversos (lugares que causam alívio por um eixo, mas mal-estar por outro); Lugares neutros (lugares de pouco destaque); e Lugares de alívio (lugares de grande bem-estar).

Em relação a este momento, dois pontos consideramos relevantes destacar. Primeiramente, os Lugares Controversos revelam como, por vezes, é difícil definir os lugares de uma só forma, eles podem não ser lugares de alívio, mas também não se mostram como lugares de opressão, revelando uma contradição interna ou até uma incapacidade de elencar um lugar de uma maneira única. No que tange essa categoria de lugar, também é relevante perceber que nem sempre um mesmo lugar vai se apresentar da mesma forma para pessoas diferentes, mesmo diante do mesmo eixo identitário. Como exemplo podemos citar o caso da escritora bell hooks, que aborda em seu livro "Anseios: Raça, Gênero e Políticas Culturais" (2019) como sua

casa significava um lugar de resistência e proteção, devido ao eixo do gênero está vinculado ao da racialidade para ela. Porém, para outras mulheres essa mesma categoria de lugar poderia significar sofrimento e violência.

O outro ponto são os Lugares de Alívio, lugares nos quais a pessoa que participa do estudo sentiria forte bem-estar diante das categorias identitárias selecionadas. Em um primeiro instante pode parecer não haver questões em relação a esses lugares, contudo, a abordagem interseccional por ser uma perspectiva que se desenvolve a partir das considerações sobre as desigualdades pode revelar no dito “alívio” um privilégio. “Por trás destas linhas planas há um privilégio que se manifesta em forma de silêncio, um silêncio que é a ausência de emoções e que mostra a falta de consciência das próprias posições.”¹¹ (RODÓ-ZÁRATE, 2021, p. 172) Isso não é uma regra, mas em vários momentos, aqueles e aquelas que consideram sentir “bem-estar” em determinado lugar em relação a uma categoria específica, na verdade estão se deparando com a experimentação de um privilégio. O reconhecimento dos privilégios e das opressões cria uma consciência mais ampla e complexa das posições ocupadas por cada um/a dentro de um contexto maior, e escancara, em muitos casos, que o silêncio nem sempre é sinal de concordância. No silêncio pode estar escondida uma opressão, uma violência ou um processo de invisibilizar, como argumenta Michelle Perrot, em seu livro “Minha história das mulheres” (2019).

Por fim, é preciso montar o mapa. Primeiramente, colocando os lugares em ordem (segundo a autora): Lugares de opressão, Lugares controversos, Lugares neutros e Lugares de alívio. Para que, posteriormente, possa-se selecionar uma cor para cada eixo/categoria considerada, alocando os pontos correspondentes a cada um de acordo com o grau de mal ou bem-estar dentro de cada lugar. Após a finalização do(s) mapa(s), o/a pesquisador/a terá em mãos materiais necessários para uma análise interseccional localizada robusta. Quando os mapas forem terminados, estes devem ser levados até as pessoas que colaboraram para com a pesquisa, para que elas possam ter e observar o material produzido a partir de suas experiências vividas, essa etapa é importante por se tratar de uma construção coletiva em que todas as partes envolvidas sejam tratadas de forma coerente e respeitosa.

A autora Rodó-Zárate finaliza dizendo que a análise através dos Mapas de Relevância não acaba com sua confecção. Eles são “um material a ser analisado, no caso de uma investigação, ou como um processo introspectivo para reflexão quando usados para intervenção.”¹² (RODÓ-

¹¹ Tradução da autora.

¹² Tradução da autora.

ZARATE, 2021, p. 173) Eles são também uma possibilidade metodológica, e não a única, diante de uma abordagem epistêmica interseccional situada. Como todo método, ele não é perfeito¹³ e nem tem a pretensão de ser. Mas ele se mostra um caminho viável para alguns trabalhos que buscam desenvolver essa abordagem de forma responsável.

CONCLUSÃO

Os estudos feministas contribuíram e continuam a contribuir para a construção de novas epistemologias, outras formas de pensar o mundo. A noção de conhecimento situado e a perspectiva interseccional são algumas dessas colaborações para o campo das ciências sociais. Dentro da geografia a inserção do Lugar como eixo de identidade e existência soma a essas epistemologias ao destacar a dimensão espacial como componente de significado e significante. Os Mapas de Relevo, método desenvolvido por Rodó-Zárate, se mostra uma possibilidade de grande potencial para aquelas análises que consideram o Lugar eixo interseccional relevante nas dinâmicas atuais de desigualdade, e por isso, ele foi apresentado neste texto. As abordagens corporificadas e situadas muito têm a subsidiar as discussões contemporâneas que buscam romper com um padrão neutro (e inexistente) de fazer ciência.

BIBLIOGRAFIA

BUTTIMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar; tradução de Letícia Pádua. IN: Geograficidade, v.5, n.1, 2015.

COLLINS, Patricia Hill & BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. - 1 ed. - São Paulo: Boitempo, 2021.

FASSIN, E. Interseccionalidade: uma introdução. *Revista Rosa* n. 3, 2019.

HARAWAY, Donna. SABERES LOCALIZADOS: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5) 1995: pp. 07-41. Tradução de Mariza Corrêa.

MASSEY, Doreen. Um Sentido Global de Lugar. IN: O espaço da diferença / Antoni A. Arantes (org.) Campinas, SP: Papirus, 2000.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

¹³ Assim como todo método, este tem suas brechas. Uma que consideramos relevante ser destacada aqui é que diante de pessoas com baixa escolaridade, ele não se mostra eficiente, tendo em conta que é preciso haver condições por parte das pessoas que participaram do estudo de compreender a proposta e explicar suas emoções no primeiro momento da construção do mapa.



RODÓ-ZÁRATE, M. *Interseccionalidad, desigualdades, lugares y emociones*. Manresa: Bellaterra, 2021.

SILVA, Joseli Maria & SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento. INTRODUZINDO AS INTERSECCIONALIDADES COMO UM DESAFIO PARA A ANÁLISE ESPACIAL NO BRASIL: EM DIREÇÃO ÀS PLURIVERSALIDADES DO SABER GEOGRÁFICO. In: *Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial / organização Maria das Graças Silva Nascimento Silva, Joseli Maria Silva*. Ponta Grossa, Toda palavra, 2011.

SILVA, Susana Maria Veleda da. GEOGRAFIA E GÊNERO/GEOGRAFIA FEMINISTA: O QUE É ISTO? - *Boletim Gaúcho de Geografia*, 23: 105 - 110, março, 1998.

TUAN, Yi-Fu. Lugar: uma perspectiva experiencial; tradução de Márcia Manir Miguel Feitosa e Renata França Pereira com a colaboração de Millena Portela, Tércila Duarte e Ubiratam Barros. IN: *Geograficidade*, v.8, Número 1, 2018.

VALENTINE, Gill. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. *The Professional Geographer*, 59:1, 10-21, 2008.